

A COR QUE NASCE NO CERRADO

"No segundo reino da natureza encontrarão-se muitas plantas uteis e proveitosas que fornecem madeira para todos os generos de construção e para a marcenaria, alem de innumeras que produzem fructos alimenticios, resinas, oleos, gomas, aromas, tintas, cordoaria, lixas, substancias medicinais, toxicas, textis, forragem, ornamentação e tanagem..."

Trecho de um inventário realizado em 1886 atribuído a Joseph de Mello Alvares, no município de Sta. Luzia (que abrangia a área onde hoje fica o Distrito Federal), sobre a riqueza vegetal e usos da vegetação do Cerrado no século XIX.

Nicolas Bonvakiades
Da equipe do **Correio**

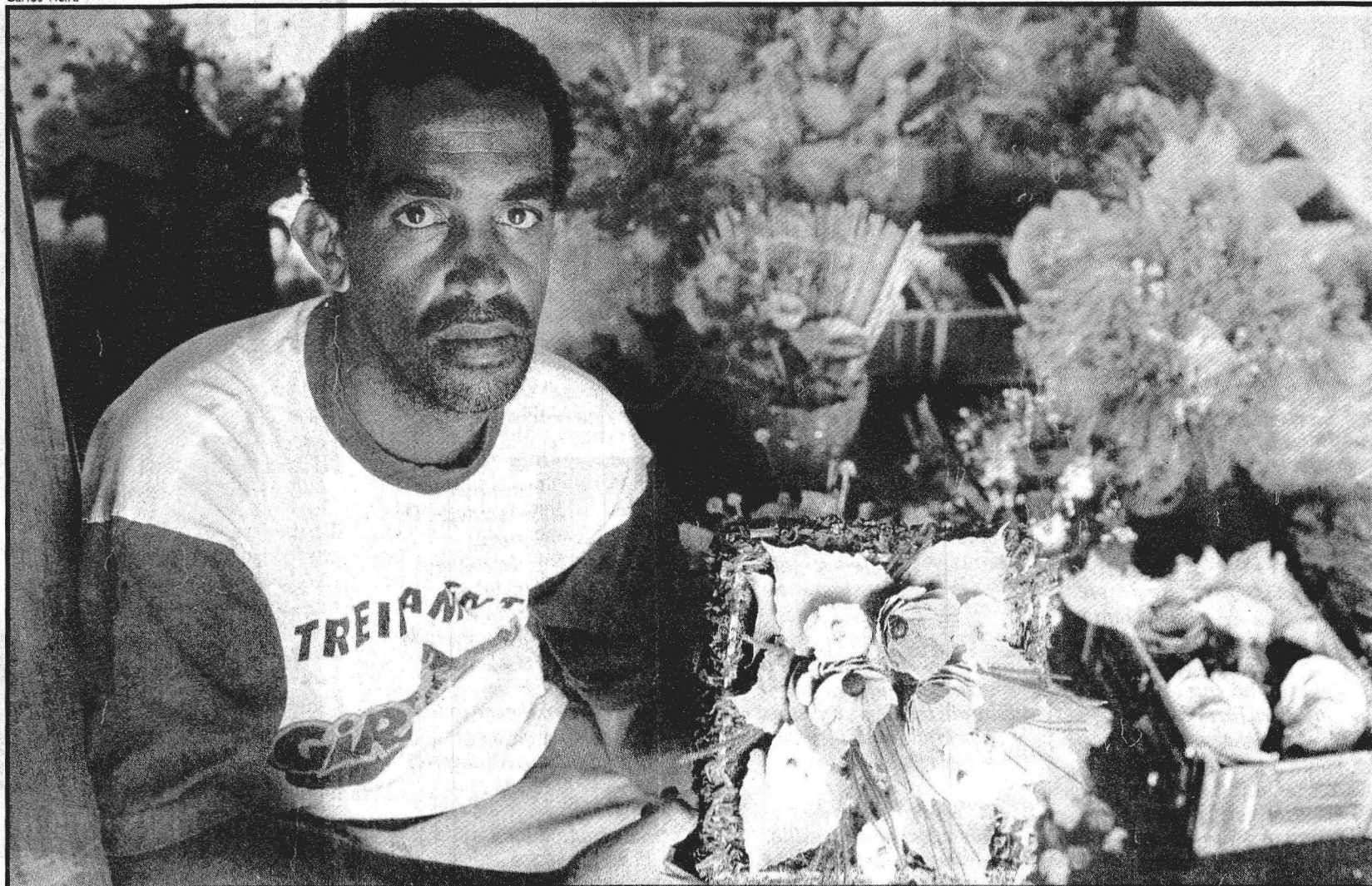
Há flores e calos que passam das mãos dos pais para as dos filhos artesãos das gerações nativas do Planalto Central do Brasil, desde tempos longínquos, antes que Brasília mudasse a paisagem e a história do cerrado. Na cidade, a tradição das *Flores do Planalto* é mantida até hoje por umas poucas dezenas de mulheres e homens, filhos naturais ou adotivos desta terra. Uma herança cultural que se tornou uma das marcas de Brasília, reconhecida nos quatro cantos do país e até fora dele.

Para este ofício, são necessárias mãos ágeis e fortes que a lida torna ásperas, porém sensíveis; olhos atentos para reconhecer a possibilidade da beleza. As pernas têm que ser firmes para as trilhas nas matas, a mente sintonizada com o ciclo e a multiplicidade da vida no Cerrado.

"Este é o rabo-de-raposa", indica o artesão Silvino Manoel da Silva, 34 anos. Ele arranca pelo talo a planta de ponta de fibras opacas que tremulam sutilmente. Em poucos minutos, tem nos braços um ramalhete de uma dezena de espécies diversas.

São folhas, flores, castanhas, sementes e galhos as matérias-primas de outras tantas flores secas com formas, cores e texturas novas. Há 20 anos, Silvino envereda pelos cami-

Carlos Vieira



Silvino Manuel da Silva mantém a tradição dos artesãos de flores do cerrado e depois de catar e tratar as plantas, faz os arranjos que são vendidos

nhos de campos limpos, cerradões, matas de galeria (às margens dos córregos) e brejos, todas variedades do ecossistema do Brasil Central na busca dos elementos de seu trabalho.

Recebeu de dona Lira, ainda moleque, a instrução no ofício. Dona Lira, por sua vez, de "seu" Manoel, mestre artesão da Planaltina de meio-século atrás. "Seu Manoel é que começou com esse artesanato em Brasília, outros aprenderam e vendiam na porta da Catedral", conta Silvino. Seu Manoel se foi há algum tempo, virou lembrança na cabeça dos habitantes mais velhos da cidade.

TRILHAS E CERCAS

"Tem tipo de flor que só dá uma vez por ano", revela Silvino. Aponta uma que chama pirex: "Esta, só entre maio e junho", diz. Nessa época o trabalho de coleta é intenso. Em um mês tem de coletar o máximo de plantas antes que sequem e apodreçam, pois seu berço são os brejos próximos de Alto Paraíso (GO), onde a matéria orgânica se decompõe mais depressa. A maioria delas floresce no começo do ano — são flores que dependem mais delicadas que dependem de umidade.

Num dia bom de coleta, são recolhi-

dos de 50 a 100 quilos de flores, com o trabalho de duas ou três pessoas apenas. Mas é necessário ter permissão do Ibama para o extrativismo. Se os fiscais pegarem, é cadeia na certa.

O artesão tem de viajar longe para obter o que precisa. Centenas de quilômetros até os campos de Alto Paraíso ou Cristalina, onde brotam as sempre-vivas — estas florescem entre fevereiro e março. Outras espécies sobrevivem nas épocas secas. "Musgo e carne-de-vaca dão o ano inteiro. A gente só colhe quando precisa", ensina.

Quanto mais o tempo passa,

mais difícil fica encontrar as plantas e mais longe vai o artesão. "O cerrado está acabando para a gente. Quando não está cercado em reserva, vira loteamento ou chácara", revela Silvino no caminho para Brasília.

Hoje em dia, pensa-se em replantio das espécies usadas em artesanato. A pesquisadora da Embrapa Cerrados, Semiramis Pedrosa de Almeida, acredita que o extrativismo praticado pelos artesãos pode ser substituído pela cultivo como forma de perpetuação de espécies e garantia de renda para quem depende delas. Silvino e outros já consideram essa hipótese.